

O Globo

17/5/1984

O caso Guariba

JOELMIR BETING

As usinas de açúcar e as destilarias de álcool já penetram no reino encantado da informática de ponta e encomendam microcomputadores para a medição diária do teor de sacarose da cana, agora que o preço da ilustre mercadoria é timbrado pela quantidade de sacarose, assunto para polarímetros e sacarímetros eletrônicos.

Ao setor mais paparicado da economia rural brasileira falta apenas um equipamento moderno: o densímetro calórico do bóia-fria por tonelada de cana moída. A urgente aplicação desse microcomputador (ainda não inventado) pode evitar o desmaio do cortador no começo da tarde e desligar a contagem regressiva da explosão de alguma nova Guariba da vida.

Em Piraçununga, SP, vi bóia-fria movido a álcool de cana. A pinga espanta a fome e "acaba com a moleza das pernas".

* * *

Guariba explodiu por combustão espontânea: excesso de eletricidade estática acumulada na atmosfera da insensibilidade nacional.

O inquérito policial do quebra-quebra de terça-feira acusa a ganância dos usineiros, que estão pagando apenas Cr\$ 1.100 por tonelada cortada, contra Cr\$ 800 na safra passada. A cidade de 25 mil habitantes, nas fraldas de Ribeirão Preto, SP, prefere denunciar a tarifa da água encanada, que além de fortemente remarcada teima em não fazer distinção entre a tapera do bóia-fria em Guariba e a sauna do hotel de luxo em Guarujá.

A tarifa da água encanada, que serviu de judas para a demolição a tapas de dois edifícios da Sabesp junto a praça da matriz, manda aviso aos navegantes da crise brasileira. A multidão pobre (e empobrecida) acaba de esgotar a última gota da tolerância física e o último minuto da paciência cívica — em qualquer canto do Brasil.

* * *

Por linhas tortas, a revolta popular de Guariba questiona a política tarifária adotada no Brasil do oito ou do oitenta: reprime-se a tarifa de setor público em nome da bolsa do povo e endivida-se a empresa estatal deficitária nos bancos do mundo. Depois, os bancos do mundo chupam as carótidas financeiras das empresas endividadas e forçam a adoção de um esquema de saneamento ou de ajustamento via preço ou tarifa: os serviços públicos e os produtos estatizados estão emplacando reajustes de tarifa ou de preço acima da variação do INPC e até do IGP.

O preço do óleo diesel, por exemplo, está um quinto acima da taxa de inflação, se reconstruída a longa curva de janeiro de 1977 a maio de 1984. Ou 67 por cento acima do preço internacional do mercado "spot" de Roterdã.

A revolta da água encanada deu-se em Guariba, interior de São Paulo, e não em Quixadá, interior do Ceará. O nordestino do sertão esturricado coexiste com a miséria coletiva. O

paulista da Mogiana opulenta começa a desconfiar que não deve se permitir o luxo de passar fome no epicentro da abundância.

A região canavieira de Ribeirão Preto é a mais rica do Brasil em termos de PIB agrícola. Tanto mais, porque a ex-capital brasileira do café vive de outras riquezas da terra e não apenas da cana, do álcool e do açúcar.

Ainda assim, Ribeirão Preto e quejandos respondem por um quarto da produção brasileira de açúcar e por um terço da produção brasileira de álcool. Com um apêndice: a região hospeda algumas das mais modernas propriedades agrícolas do Brasil.

Coisa de cinema.

* * *

Um microcomputador Cobra, projetado para medir o grau de insatisfação popular, digamos, um revoltímetro BR-84, última palavra da engenharia social, flagraria graus diferentes de indignação reprimida entre a pobreza endêmica do agreste nordestino e a pobreza epidêmica do noroeste paulista. Uma coisa é viver mal na terra morta. Outra, intolerável, é passar fome na região mais rica e mais mimada da agricultura brasileira.

Ribeirão Preto é sede de uma região que hospeda 20 usinas de açúcar e 34 destilarias de álcool, o corte do canavial (que dá para ser visto da lua em noite de terra cheia) começa em maio e vai até novembro, o chamado ano/safra da agroindústria canavieira do Centro-Sul.

Nos trabalhos de corte da cana, de sol a sol, as usinas já estão empregando, na região, perto de 60 mil pares de braços: de homens, mulheres e crianças (como se viu, sábado, no "Jornal Nacional" da TV Globo).

** *

Na revolta de Guariba, terça-feira, deu-se a revelação: os trabalhadores volantes, intermitentes, bóias-frias agenciados por "gatos" no rolar da madrugada (e transportados por caminhão digno de gado ou de lenha), incendiaram a estação de água da cidade para uma punição exemplar, menos da tarifa remarcada, e mais da renda atrofiada: um reajuste anual abaixo de 50 por cento no corte de cana por tonelada.

A mutilação física do orçamento doméstico é tão brutal que esse gênero de cidadão brasileiro não consegue pagar sequer a água da torneira, muito menos o leite da mamadeira.

* * *

Insensibilidade política da indústria canavieira?

Com certeza. Descartada a generalização da denúncia, a verdade é que alguns usineiros estão pagando mal por um trabalho rude, pesado, da alvorada ao crepúsculo, família inteira tentando cortar seis toneladas por dia para um ganho mensal abaixo de dois salários-mínimos. E com índice alarmante de acidentes de trabalho, do desastre do caminhão impaciente ao bote da cascavel ou da jararaca.

A insensibilidade política de certos usineiros (não de todos) está na exploração do trabalho humano em uma atividade econômica subvencionada por toda a sociedade brasileira.

** *

Em nome da crise do petróleo, todo cidadão brasileiro, enquanto contribuinte ou enquanto consumidor, está pagando direta ou indiretamente pelos subsídios da exportação gravosa do açúcar e pelos confiscos do consumo interno do álcool. Inclusive, os rescaldos de uma inflação energética que nasce da submissão cambial do Brasil: a da substituição compulsória de um combustível mais barato, a gasolina de nafta, por um combustível mais caro, o etanol de cana.

Patrioticamente, o povo brasileiro banca essa conta em vermelho, De tal maneira e com tal indulgência, que a agroindústria canavieira, tutelada de cima para baixo, tornou-se um negócio privado sem risco, porque devidamente socializado por decreto.

* * *

Alguns usineiros da região de Ribeirão Preto, autêntica Arábia Saudita do Brasil, deveriam ligar o desconfiômetro, que tal remunerar melhor o trabalho sem alternativa do bóia-fria e família, só para disfarçar? Que se faça uso do poderoso "lobby" empresarial do ramo para melhorar o "plano de safra" do IAA ou para denunciar a iniquidade do acordo mundial do açúcar, torpedeado pelos subsídios da beterraba nas gordas democracias da Europa Ocidental.

Em Guariba, a água encanada de terça-feira foi apenas um judas de sábado de aleluia.

Aleluia, já.

(Página 20 — ECONOMIA)